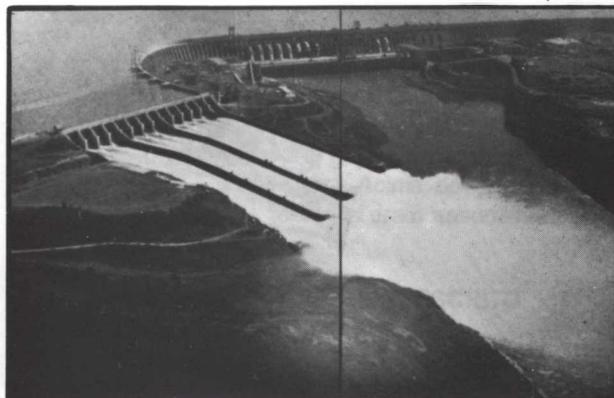


Editorial

Barragens: da política oficial à resistência dos atingidos



“Toda rua tem seu curso,
Tem seu leito de água clara
Por onde passa a memória...”

(Gilberto Gil e Torquato Neto)

Em diferentes regiões do Brasil, trabalhadores rurais, índios, moradores de pequenas cidades (e, mesmo, de cidades não tão pequenas) descobrem, de repente, que seu rio não é mais seu. Descobrem que foi decidido, por alguém, em algum lugar, que aquele rio vai ser tomado por outros, servir a usos e objetivos que lhes são estranhos.

Os discursos oficiais falam da redenção propiciada pela energia elétrica, do progresso...

Aos poucos as pessoas aprendem que não é apenas o rio que lhes vai ser tomado. Para gerar energia elétrica será necessário inundar muitas terras. O progresso parece insaciável: quer as águas e quer as terras. Quer os vales e colinas, as plantações e as florestas.

Os discursos oficiais falam dos custos ambientais do progresso.

As populações começam a perceber que as áreas onde caçavam desaparecerão, os peixes de que se alimentavam morrerão, que igrejas e cemitérios onde foram sepultados seus antepassados submergirão. Vidas serão inundadas; e, com elas, passado e memória, futuro e esperanças.

Os discursos oficiais lamentam os impactos sociais das barragens e os orçamentos dos projetos hidrelétricos comparam custos e benefícios. Quantos dólares custará o quilowatt/hora?

Como avaliar o custo do deslocamento das 40 mil pessoas de Itaipu, das 70.000 em Sobradinho, das 300 mil a serem “remanejadas” pelos aproveitamentos hidrelétricos programados para a bacia do rio Uruguai pelo Plano 2010 da Eletrobrás?

Os “inundados”, os “afogados”, os “atingidos”... No discurso oficial, populações a serem “relocadas”. Migrações? Talvez este termo não seja suficientemente preciso para dar conta do processo a que nos estamos referindo. Já se disse que toda migração é, em nossa sociedade, um “êxodo forçado”; então temos que encontrar uma outra expressão, um outro conceito para esta violência que desterra dezenas, centenas e milhares de indivíduos. Por que não “deslocamento compulsório”?

Reconhecer a especificidade destes processos e do tipo de mobilização espacial de populações por eles engendrados, eis o que nos levou a dedicar um número de Travessia ao tema “As Migrações e as Barragens”. Mas não nos pareceu adequado limitar este número ao registro e descrição desta violência. Quisemos falar também das lógicas que a sustentam e buscam justificá-la. Quisemos trazer à discussão as estratégias energéticas, bem como os interesses que as inspiram e as políticas em que se materializam. Buscamos lançar alguma luz sobre as condições daqueles que, caminhando em sentido contrário aos dos camponeses ou índios expulsos, são empurrados em direção à obra, para fornecer os braços que construirão estes verdadeiros monumentos de modernidade – que trazem consigo tudo o que a modernidade tem de perverso no Brasil de nossos dias.

Degradação do meio-ambiente, degradação das condições de vida das populações que habitam as vizinhanças destes mega-empresendimentos, migrações, deslocamentos compulsórios, colocar o foco sobre as barragens é iluminar mais um capítulo da verdadeira guerra de conquista que se trava hoje para expropriar o povo de suas terras e territórios, aqueles territórios que ainda não foram totalmente submetidos, ou cuja forma de sujeição deve ser modificada para adequar-se a um progresso que tem por lei fundamental a exclusão da imensa maioria.

Um número como este não poderia deixar de abrir um espaço para as experiências acumuladas pelos novos protagonistas que começam a aparecer nesta “guerra”. Os que se recusam a ser meros piões em um tabuleiro no qual se joga uma partida a cuja regras não têm acesso. Aqueles que rejeitam uma lógica contábil que os reduz – quando os contempla de alguma maneira – a uma soma de dinheiro a ser paga a título de indenização (como se a vida pudesse ser indenizada!). Aqueles que se cansaram de serem apenas espectadores dos destinos de suas terras, regiões, florestas e rios, e querem ser sujeitos de seus caminhos, trajetórias, de suas próprias vidas.